

MATEMANIA, POESIA, MAGIA

— A face oculta da Matemática

O quadro rectangular e o universo infinito

7.º ano de escolaridade. Noções de Geometria elementar. Começou-se por aí. Os miúdos (alguns com 16 anos de idade, carregando a mochila de insucesso e não sabendo que são importantes) procuram figuras geométricas planas em recortes de revistas muito mal coladas em bocados de cartolina (fui eu que os colel...).

Ah, sim! Os trapézios surgem nos telhados, os círculos revelam-se nos pratos e nas chávenas; aparecem os octógonos porque os panos de tabuleiro, onde assentam as chávenas, têm estas formas peculiares e onde eu via apenas dois polígonos de oito lados, alguém conta trinta e dois... com razão!

Nascem triângulos das pernas de uma mesa e as grades sobre o muro são paralelas. Já os lápis que irradiam do interior do copo são mais concorrentes do que outra coisa. Abundam rectângulos pelo mundo, a julgar pelas estantes, pelos livros e sofás, pelas portas e janelas. Há também relógios que são circulares, como o candeeiro, redondo, e há quadrinhos no tampo enraçado de uma mesa, onde está uma caixa de aguarelas, que até são losangos. E a tomada eléctrica parece insignificante, perdida no todo, mas é um quadrado.

Insignificante, poderia ser o facto de uma recta não ter princípio nem fim. Mas há quem ache que as rectas podem não existir porque não se sabe se o universo é finito ou infinito (e um toque de filosofia torna mais bonita a aula). O pior é que eu também não sei, mas continuo a preferir uma recta à medida da imaginação: minha e deles.

Entretanto, olho e espanto-me, porque num caderno aberto de uma aluna lê-se como título: «Descobertas Sensacionais», e depois, por baixo, arrumadinha, desenrola-se a história de uma revelação — que um rectângulo é um paralelogramo e um quadrado também, que o quadrado é rectângulo e é losango, que nem todos os losangos são quadrados!...

Agora que penso melhor naquele título, pergunto-me se não serão todas sensacionais, as descobertas, porque nos arrancam o olhar à fixidez de uma ideia. Algo de semelhante ao que se passou com aquela aluna, parece ter acontecido comigo, há bem pouco tempo, quando conversava com uma pessoa amiga que me definiu um vector como uma «forma de armazenar e transmitir informação». De repente, BUM! Lá se vai aquele estranho ser que habita espaços vectoriais e aquela imagem dos n -uplos, das coordenadas e da algébrica matriz-coluna. Até a setinha inocente dá lugar a uma coisa muito mais parecida com uma carta que segue de avião para algum canto do mundo.

Porém, a história começada não acaba aqui e, a certa altura, algo surge estampado no quadro negro — aquele onde a gente risca a nossa incerteza, tão revestida de certezas — eu acho que é um poema:

triângulo — 3
quadrilátero — 4
pentágono — 5
hexágono — 6
heptágono — 7
octógono — 8
eneágono — 9
decágono — 10

E eles quiseram saber o nome dos outros...

Porque não? O poema continua naqueles olhos. Continuará no quadro (que é rectangular) e nos cadernos (também rectangulares) de descobertas, insucessos e universos infinitos ou finitos?

Tocou. Amanhã há mais... e entretanto, tenho de procurar em casa informações acerca de uma certa nomenclatura.

Susana Carreira

(À minha colega Otilia Moreirinha, cuja preciosa colaboração tornou possível a realidade que aqui descrevo, o meu profundo agradecimento.)

